



“LÁ NO ÁGUA GRANDE”: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO FEMININO, DA COMUNIDADE E DA NATUREZA NA POESIA DE ALDA ESPÍRITO SANTO

“LÁ NO ÁGUA GRANDE”: AN ANALYSIS OF THE REPRESENTATION OF FEMALE WORK, FROM THE COMMUNITY AND FROM NATURE IN THE POETRY OF ALDA ESPÍRITO SANTO

“ALLÁ EN EL ÁGUA GRANDE”: UN ANÁLISIS DE LA REPRESENTACIÓN DEL TRABAJO FEMENINO, DE LA COMUNIDAD E DE LA NATURALEZA EN LA POESÍA DE ALDA ESPÍRITO SANTO

Wellington Barbosa de Sousa

Universidade Federal de Campina Grande

wellingtonbarbbosa@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2153-1738>

Matheus Aguiar dos Santos

Universidade Estadual Paulista

matyepaty@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-7176-0168>

DOI

10.35520/mulemba.2025.v17n33e67411

Recebido: 28 fev. 2025

Aprovado: 1 nov. 2026



A Mulemba adota a licença Creative Commons

Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

RESUMO

Este estudo se debruça sobre o poema “Lá no Água Grande” de Alda Espírito Santo, analisando como esse texto retrata a experiência da mulher negra em São Tomé e Príncipe no contexto pós-colonial. A análise é estruturada em três eixos principais: a natureza como elemento ativo, o trabalho como ritual coletivo e a comunidade entre o riso e o silêncio. Através de teorias pós-coloniais e feministas, bem como da ecocrítica, o estudo examina as nuances de resistência e contradição na obra, enfatizando a importância da memória coletiva e a desconstrução de narrativas eurocêntricas. A poesia de Espírito Santo é interpretada como um ato político de ressignificação identitária e resistência cultural. O estudo destaca a intrincada relação entre trabalho, gênero, raça e natureza no cenário pós-colonial e demonstra como o poema transforma o cotidiano das mulheres em um testemunho literário de resistência e pertencimento, contribuindo para os estudos literários e para a visibilidade da autoria feminina no contexto das literaturas africanas.

Palavras-chave: Literatura africana, Resistência, Natureza, Identidade, Pertencimento.

ABSTRACT

This study examines the poem “Lá no Água Grande” by Alda Espírito Santo, analyzing how the text portrays the experience of Black women in São Tomé and Príncipe in the post-colonial context. The analysis is structured around three main axes: nature as an active element, labor as a collective ritual, and the community between laughter and silence. Through postcolonial and feminist theories, as well as ecocriticism, the study explores the nuances of resistance and contradiction in the work, emphasizing the importance of collective memory and the deconstruction of Eurocentric narratives. Espírito Santo’s poetry is interpreted as a political act of identity re-signification and cultural resistance. The study highlights the intricate relationship between labor, gender, race, and nature in the postcolonial setting, demonstrating how the poem transforms the everyday lives of women into a literary testimony of resistance and belonging, contributing both to literary studies and to the visibility of female authorship within the context of African literatures.

Keywords: African literature, Resistance, Nature, Identity, Belonging.

RESUMEN

Este estudio se centra en el poema “Lá no Água Grande” de Alda Espírito Santo, analizando cómo este texto retrata la experiencia de la mujer negra en São Tomé y Príncipe en el contexto poscolonial. El análisis se estructura en tres ejes principales: la naturaleza como elemento activo, el trabajo como ritual colectivo y la comunidad entre la risa y el silencio. A través de teorías poscoloniales y feministas, así como de la ecocrítica, el estudio examina los matices de resistencia y contradicción presentes en la obra, enfatizando la importancia de la memoria colectiva y la desconstrucción de las narrativas eurocéntricas. La poesía de Espírito Santo se



interpreta como un acto político de resignificación identitaria y de resistencia cultural. El estudio destaca la intrincada relación entre trabajo, género, raza y naturaleza en el escenario poscolonial, y demuestra cómo el poema transforma la vida cotidiana de las mujeres en un testimonio literario de resistencia y pertenencia, contribuyendo tanto a los estudios literarios como a la visibilidad de la autoría femenina en el contexto de las literaturas africanas.

Palabras-clave: *Literatura africana, Resistencia, Naturaleza, Identidad, Pertenencia.*



Contextualizando

Alda Espírito Santo (1926-2010), voz seminal da literatura são-tomense, não apenas marcou a cena literária com sua poesia engajada, mas também teceu, em versos, a memória coletiva de um povo em diálogo íntimo com sua terra. Em “Lá no Água Grande”, escrito na década de 1980, período pós-independência de São Tomé e Príncipe (1975), a autora desenha um retrato vívido do cotidiano rural, onde a relação entre seres humanos e ambiente transcende a mera subsistência para revelar práticas culturais e afetivas. Ambientado às margens de um rio, o texto captura cenas de trabalho, brincadeiras infantis e interações comunitárias, oferecendo uma janela para compreender como natureza, labor e coletividade se entrelaçam em um contexto marcado por resistência e contradições.

Nesse contexto, a literatura africana de autoria feminina emerge como um espaço fundamental de resistência e representação, onde a narrativa transcende a simples descrição para se configurar como um território de ressignificação identitária. A literatura africana, especialmente a produzida por autoras como Alda Espírito Santo, insere-se em um contexto de resistência, memória e identidade. O poema “Lá no Água Grande” não apenas descreve o trabalho cotidiano das mulheres, mas também atribui a esse espaço uma significação simbólica e política. O presente artigo articula a obra à luz de três eixos centrais: a natureza como espaço vivo e simbólico, o trabalho como prática coletiva e ritual, e a comunidade entre risos e silêncios.

Partindo da pergunta “Como o poema articula a relação entre natureza, trabalho e comunidade para retratar resistência e contradições da vida cotidiana?”, este artigo busca analisar os mecanismos poéticos que Alda Espírito Santo emprega para construir essa tríade temática. Objetiva-se, especificamente: (I) investigar a representação da natureza como agente ativo, não apenas cenário; (II) explorar o trabalho das mulheres como ritual coletivo e simbólico; (III) discutir as dinâmicas comunitárias, destacando o contraste entre alegria compartilhada e o silêncio melancólico do regresso.

A análise proposta justifica-se pela urgência em ampliar leituras críticas sobre literaturas africanas de língua portuguesa, muitas vezes marginalizadas em cânones ocidentais. Além disso, o poema oferece uma perspectiva singular sobre corpos negros em interação com a terra, tema crucial para discutir identidade, memória e resistência em contextos pós-coloniais. Ao focar em elementos como a materialidade do trabalho e a fragilidade implícita no silêncio final, o artigo contribui para debates sobre como a literatura pode revelar, simultaneamente, a força e a vulnerabilidade de comunidades tradicionais.

Em síntese, este artigo estrutura-se em torno de três capítulos principais, após esta breve contextualização inicial, a discussão aprofunda os resultados norteados por referenciais teóricos, contextualizando-os historicamente. Por fim, a conclusão sintetiza as contribuições do estudo, ressaltando a relevância da poética de Alda Espírito Santo.

Literatura Africana e Pós-Colonialidade: Espaços de Resistência

A literatura africana de língua portuguesa desempenha um papel fundamental na construção de identidades nacionais e na resistência contra os resquícios do colonialismo. Entre suas vozes mais expressivas, destaca-se Alda Espírito Santo, cuja obra se insere no contexto mais amplo das literaturas africanas pós-coloniais, especialmente no que diz respeito à valorização da oralidade, memória coletiva e agência feminina. Seu poema “Lá no Água Grande” transcende a mera descrição do cotidiano rural, transformando-se em um ato de resistência política e cultural.

A abordagem da escritora são-tomense dialoga com a necessidade de reconstrução identitária no pós-independência, como discutido por Fanon (2006). Para Fanon, a luta anticolonial não se restringe à política ou à economia, mas se estende ao campo cultural, onde o colonizado precisa reapropriar-se de sua história e de suas narrativas. No caso da literatura africana de língua portuguesa, essa recuperação da identidade ocorre, em grande medida, pela valorização das vozes antes silenciadas, entre elas as das mulheres africanas. Desse modo, Alda Espírito Santo reafirma, ao retratar o trabalho coletivo das lavadeiras e suas formas de sociabilidade, essa identidade coletiva, afastando-se de uma representação individualista ou eurocêntrica da mulher.

McClintock (2010) contribui para a compreensão da interseção entre gênero, colonialismo e resistência, mostrando como a colonização não apenas subjugou economicamente os territórios africanos, mas também impôs um modelo eurocêntrico de gênero, desvalorizando as formas de organização feminina pré-coloniais. O poema de Alda Espírito Santo desafia essa lógica ao apresentar mulheres africanas em um espaço comunitário e de troca, onde o trabalho, longe de ser uma condição de subjugação individual, se configura como ritual coletivo e ato de resistência cultural. A imagem das lavadeiras, que cantam, riem e compartilham histórias, sugere que a identidade feminina africana está enraizada na oralidade e na transmissão de saberes, algo que foi constantemente marginalizado pelas estruturas coloniais.

A importância da memória coletiva para a literatura africana de língua portuguesa é um tema recorrente nos estudos de Mata (2015), que argumenta que a literatura de países como São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique deve ser compreendida como um arquivo de experiências coloniais e pós-coloniais. No caso de “Lá no Água Grande”, essa memória coletiva é evidente na forma como o poema registra o trabalho das mulheres e sua relação com a natureza, preservando práticas e valores que, de outra forma, poderiam se perder diante da modernização e das mudanças sociais pós-independência. Alda Espírito Santo, ao trazer para o primeiro plano um espaço que poderia ser considerado marginal – a beira do rio onde as mulheres lavam roupas –, subverte os cânones literários e reafirma a validade da experiência feminina e africana como eixo central da narrativa nacional.



Esse processo de valorização da experiência feminina africana pode ser aprofundado a partir das contribuições de Oyěwùmí (2021) ao argumentar que as categorias de gênero tal como são concebidas no Ocidente foram impostas nas sociedades africanas pelo colonialismo, muitas vezes ignorando as formas tradicionais de organização social. No poema, essa noção ocidental de “mulher” como um sujeito subordinado ao homem é desconstruída, pois as lavadeiras surgem como agentes centrais do espaço comunitário, detentoras do saber e da memória coletiva. A valorização do corpo feminino em ação, em um espaço que é ao mesmo tempo natural e social, desafia a tendência eurocêntrica de representar a mulher negra apenas a partir de sua condição de exploração e opressão.

Por fim, a escolha da autora em retratar o cotidiano rural como núcleo da resistência cultural e identidade coletiva reflete uma estratégia literária de descentralização do cânone eurocêntrico. Durante muito tempo, a literatura africana foi lida a partir de perspectivas ocidentais, que privilegiavam narrativas ligadas às cidades, à política e aos espaços masculinos. A escritora são-tomense, no entanto, propõe uma nova cartografia literária, em que os espaços femininos e cotidianos se tornam centrais para a compreensão da trajetória histórica e cultural da nação.

A obra de Alda Espírito Santo exemplifica como a literatura africana de língua portuguesa atua como um espaço de resistência e reconstrução identitária no pós-independência. Por meio da valorização da oralidade, da comunidade e da experiência feminina, seu poema desafia os paradigmas ocidentais e reivindica a legitimidade das narrativas africanas em sua própria perspectiva. Dialogando com as teorias de Fanon, McClintock, Mata e Oyěwùmí, percebe-se que a produção literária feminina é, por si só, um ato político, pois rompe com as estruturas coloniais que historicamente marginalizaram as vozes das mulheres africanas.

Dessa forma, “Lá no Água Grande” não apenas representa a realidade cotidiana das mulheres são-tomenses, mas se torna um símbolo de resistência e pertencimento, reafirmando o papel da literatura na construção de uma identidade nacional descolonizada.

Natureza como Agente Ativo: Ecocrítica e Simbolismo na Literatura Africana

A literatura africana frequentemente estabelece uma relação dinâmica entre os elementos naturais e a construção de identidades individuais e coletivas. No poema, a natureza não se apresenta como um mero cenário para a ação humana, mas sim como uma personagem ativa, que interage, reflete e participa das experiências da comunidade retratada. A análise deste poema, sob a ótica da ecocrítica, do simbolismo ambiental e das epistemologias do Sul, permite compreender como o rio Água Grande funciona como um elemento de resistência, memória e pertencimento.

Com base na teoria da ecocrítica, Glotfelty e Fromm (1996) propõem que a literatura seja analisada a partir da interação entre o ambiente e os seres humanos. Diferente da



visão tradicional, que trata a natureza apenas como pano de fundo para os acontecimentos narrativos, a ecocrítica argumenta que os elementos naturais possuem agência, sendo parte ativa na construção de significados e identidades.

No poema, o rio Água Grande assume uma função ritualística e coletiva, influenciando diretamente o comportamento das personagens e estruturando a rotina das lavadeiras. A água se torna não apenas um recurso físico, mas um espaço de encontro, um território simbólico de pertencimento, onde a oralidade e o trabalho se misturam: “As crianças brincam e a água canta.” (Espírito Santo, 1978, p. 35).

O verso sugere uma simbiose entre o movimento humano e o ambiente natural. A personificação da água, que “canta”, enfatiza que a natureza participa ativamente do momento retratado. Em outras palavras, a água não é apenas um recurso utilizado pelas lavadeiras, mas uma testemunha e uma mediadora das relações sociais e culturais.

Nesse aspecto, a relação entre a natureza e os impactos da colonização é um tema central na obra de Nixon (2011). O autor argumenta que os processos de exploração colonial frequentemente deixaram marcas ambientais profundas, cujos efeitos se estendem por gerações, configurando uma forma de violência lenta, muitas vezes invisibilizada. O rio Água Grande, nesse sentido, pode ser lido como um espaço de memória da exploração colonial, um local que absorveu e registrou as experiências de trabalho árduo, privação e resistência da comunidade negra. No poema, a relação entre a água e o trabalho das lavadeiras evoca uma história de exploração de mão de obra feminina negra, fortemente atrelada ao passado colonial.

Logo, o trabalho das mulheres no rio remete a práticas historicamente racializadas, em que a água se torna, ao mesmo tempo, um local de sociabilidade como também um espaço de exaustão física e emocional, se configurando não só como um elemento de resistência e opressão, mas também, transparecendo seu caráter diaspórico, evidenciado na última estrofe: “E os gemidos cantados das negritas lá do rio / ficam mudos lá na hora do regresso...” (Espírito Santo, 1978, p. 35).

Aqui, percebe-se como a água, que antes “cantava” com as mulheres, agora absorve o silêncio da exaustão, transformando-se em um espaço que não apenas testemunha, mas incorpora e reflete o desgaste daquelas que nela trabalham. No poema, a água como metáfora da vida e da voz feminina mostra a conexão entre o ambiente e a experiência social. O canto das lavadeiras ecoa no rio, mas se esvai ao final do dia, revelando a efemeridade e a dureza do cotidiano. A lavagem de roupas no rio, em “Lá no Água Grande”, não se reduz a uma tarefa cotidiana, mas encarna um ritual de cuidado coletivo que, segundo Federici (2004), historicamente sustenta comunidades marginalizadas. Contudo, como aponta Oyěwùmí (2021), é preciso evitar enquadrar essa prática em noções ocidentais de “trabalho doméstico”, reconhecendo sua “dimensão simbólica na cosmovisão africana”.

Aliado a essa discussão, o escritor moçambicano Mia Couto (2011) destaca que uma das características fundamentais da literatura africana é a “animização” da natureza – ou

seja, a atribuição de agência e voz aos elementos naturais. Diferente da concepção ocidental, que frequentemente vê a natureza como passiva e separada da humanidade, a visão africana incorpora a natureza como parte indissociável da experiência humana.

Essa perspectiva está claramente presente no poema “Lá no Água Grande”, onde a natureza não é apenas um espaço físico, mas um ser vivo que participa das emoções e dos rituais da comunidade. O rio, ao longo do poema, acompanha as lavadeiras em sua jornada diária, testemunhando tanto os momentos de alegria quanto os de sofrimento.

Além disso, a água como símbolo de continuidade e ancestralidade é um tema recorrente em literaturas africanas. Como sugere Mia Couto, rios e mares são, muitas vezes, lugares de conexão entre o passado e o presente, entre os vivos e os ancestrais. No poema, essa ideia aparece na maneira como o rio guarda e transporta as vozes das lavadeiras – no início, um espaço de comunhão e canto; no final, um espaço de silêncio e memória.

Santos (2009) propõe uma crítica à dicotomia ocidental entre natureza e cultura, argumentando que essa separação é uma construção colonial que desconsidera as cosmologias dos povos do Sul Global. Para ele, as epistemologias do Sul resgatam formas de conhecimento que reconhecem a natureza como parte integrante das relações sociais, espirituais e culturais.

No poema de Alda Espírito Santo, essa concepção está presente na forma como a água não é tratada como um elemento externo à comunidade, mas como um organismo vivo, que participa da existência coletiva. A água não está separada da cultura; pelo contrário, ela é parte fundamental da identidade e da memória das mulheres retratadas.

Além disso, a relação das lavadeiras com a água pode ser interpretada como uma forma de resistência ao pensamento colonial, que impôs uma visão utilitarista da natureza. O rio Água Grande não é apenas um recurso para lavar roupas; ele é um espaço de troca, de pertencimento e de identidade coletiva.

A análise do poema sob a ótica da ecocrítica e das epistemologias do Sul evidencia que o rio Água Grande não é apenas um cenário, mas um personagem ativo no poema. Ele participa da vida da comunidade, interage com as lavadeiras e assume diferentes funções simbólicas ao longo do texto. No início, o rio é espaço de coletividade e alegria – as mulheres cantam, riem e compartilham histórias, e a água “canta” com elas. No final, o rio se torna um espaço de silêncio e melancolia – as lavadeiras voltam para a roça e suas vozes se apagam, refletindo a dureza do trabalho e a permanência da opressão social.

Ao articular as ideias, percebe-se que o poema desafia concepções ocidentais sobre a natureza, trazendo uma visão em que o meio ambiente é um agente de memória e resistência. O rio Água Grande não apenas reflete as experiências das lavadeiras, mas carrega suas histórias, preserva suas vozes e testemunha a permanência das estruturas do patriarcado.

Assim, a obra de Alda Espírito Santo reafirma um dos princípios fundamentais das literaturas africanas: a interdependência entre seres humanos e natureza, onde o ambiente não é passivo, mas sim parte ativa da construção das identidades e das memórias coletivas.



Trabalho, Ritual e Coletividade: Perspectivas Feministas e Decoloniais

O poema “Lá no Água Grande” apresenta o trabalho feminino como uma prática que transcende a mera atividade econômica, configurando-se como um ritual simbólico e um espaço de sociabilidade, pertencimento e resistência. A lavagem de roupas no rio, repetida ao longo dos versos, não é apenas um ato de subsistência, mas uma prática coletiva que carrega significados profundos sobre a vida comunitária e as relações de gênero e raça na sociedade pós-colonial são-tomense.

A naturalização do trabalho feminino, especialmente das mulheres negras, tem sido um processo histórico que remonta ao período colonial. Federici (2004) afirma que o trabalho feminino tem sido fundamental para a sustentação da vida comunitária, mas ao mesmo tempo desvalorizado e invisibilizado. Segundo a autora, as mulheres foram historicamente associadas ao trabalho doméstico e reprodutivo, um papel que, no contexto colonial, foi racializado e reforçado pela lógica do capital.

No poema, as mulheres são denominadas “negritas”, um termo que evoca não apenas sua identidade racial, mas também sua condição social dentro de uma estrutura de trabalho precarizado: “Lá no ‘Água Grande’ a caminho da roça / negritas batem que batem co’a roupa na pedra.” (Espírito Santo, 1978, p. 35).

A repetição do verbo “batem” remete à natureza incessante do trabalho, que ocorre dia após dia, consolidando uma rotina de esforço físico. No entanto, a presença coletiva das lavadeiras transforma essa atividade em um espaço de troca, onde se compartilham histórias e experiências. Como aponta Federici, essa dimensão coletiva do trabalho feminino é o que sustenta a coesão social em muitas comunidades, especialmente naquelas historicamente exploradas.

Essa repetição não apenas reforça a ação, mas cria um ritmo sonoro que simula o impacto físico do trabalho, como apontado na análise fonética do poema. Além disso, a construção coletiva desse trabalho é fundamental, pois, apesar da dureza da tarefa, ele se torna um momento de sociabilidade – as mulheres cantam, riem e contam histórias. Essa reflexão reforça a ideia de que o trabalho pode ser entendido não apenas como um meio de sobrevivência, mas como uma prática de sociabilidade. No poema, as lavadeiras cantam, riem e brincam, e essa convivência estabelece laços de solidariedade entre elas. O trabalho, portanto, adquire um caráter ritualístico, pois se repete de forma rítmica e estruturada dentro da vida comunitária: “Batem e cantam modinhas da terra / Cantam e riem em riso de mofa.” (Espírito Santo, 1978, p. 35).

Nesses versos, o canto não é apenas uma manifestação cultural, mas um elemento de resistência, uma forma de transformar o trabalho exaustivo em um momento de compartilhamento e identidade coletiva.

Outra reflexão importante é que o trabalho no poema também está diretamente ligado à condição racial das personagens. Mbembe (2014) argumenta que o colonialismo



transformou corpos negros em força de trabalho explorável, criando um regime de racialização que persiste no pós-colonialismo. A perspectiva sobre a racialização do trabalho colonial também se faz presente, pois a figura da “negrita” remete a um passado de exploração que persiste na vida cotidiana. A marcação racial e de gênero no trabalho das lavadeiras evoca a permanência de estruturas coloniais que associam a mulher negra ao trabalho exaustivo e subalterno.

No contexto africano, esse processo consolidou a imagem da mulher negra como destinada ao trabalho braçal, naturalizando sua sobrecarga e invisibilizando sua agência. Alda Espírito Santo evidencia esse processo ao contrastar o esforço físico da lavagem de roupas com a branquura do tecido em expressões como “Negritas” x “de branco” (Espírito Santo, 1978, p. 35).

Esse contraste não é apenas visual, mas simbólico: o trabalho das lavadeiras purifica a roupa, mas não as livra da dureza da rotina e da estrutura opressiva que as mantém nesse ciclo de esforço e invisibilização. Esse é um aspecto fundamental do que Mbembe (2014) descreve como a continuidade das hierarquias coloniais no mundo pós-independência.

Além disso, a oscilação entre voz e silêncio no poema reforça o caráter de subalternização da mulher negra. No início, há canto e riso, mas ao final do poema, o silêncio toma conta: “E os gemidos cantados das negritas lá do rio / ficam mudos lá na hora do regresso / Jazem quedos no regresso para a roça.” (Espírito Santo, 1978, p. 35).

Esse silenciamento remete ao que Gonzalez (1984) descreve como a dupla opressão da mulher negra na sociedade: enquanto o patriarcado desvaloriza o trabalho feminino, o racismo reforça essa marginalização ao associar a mulher negra a papéis de subalternidade. Para Gonzalez, as mulheres negras, historicamente, resistem por meio da cultura oral e da coletividade, o que se observa na presença do canto e da troca de experiências entre as lavadeiras do poema.

A repetição e a sonoridade dos versos fazem com que o trabalho no poema assumam uma dimensão quase litúrgica. O ato de bater roupa na pedra, acompanhado pelo canto e pelo riso, se torna uma prática ritualística, um momento de conexão entre as mulheres e a própria natureza.

O rio, como espaço de trabalho, adquire um papel simbólico semelhante a um altar coletivo, onde a vida comunitária se manifesta e se renova. Federici argumenta que, nas sociedades tradicionais, as atividades comunitárias das mulheres não eram apenas trabalho, mas ritos de transmissão de conhecimento, memória e pertencimento. No poema, o rio é onde as mulheres cantam, compartilham histórias e educam as crianças pela observação e pela imitação.

Ao mesmo tempo, esse ritual não é isento de dor. O silêncio final do poema simboliza a transição entre um espaço de comunhão e a dureza da realidade. Como sugere Mbembe (2014), a experiência pós-colonial é marcada por essa ambiguidade entre resistência e melancolia, pois, embora as lavadeiras transformem seu trabalho em um espaço de sociabilidade, elas ainda permanecem submetidas a um sistema que as mantém em uma posição de exploração.



A análise do poema sob as lentes das perspectivas feministas e decoloniais revela que o trabalho das mulheres lavadeiras não pode ser reduzido à mera atividade econômica. Ele é, antes de tudo, um ritual simbólico, uma prática que conecta comunidade, memória e resistência. Alda Espírito Santo, ao poetizar o trabalho das lavadeiras, dá visibilidade a um grupo historicamente marginalizado, reafirmando a centralidade da mulher negra na construção das sociedades pós-coloniais, trabalho este que quando compartilhado, pode ser mais do que uma imposição – pode ser um ato de identidade, de cultura e de resistência.

Comunidade entre Ritos e Silêncios: A Melancolia Pós-Colonial

O poema “Lá no Água Grande” articula a experiência feminina africana em um espaço de ritualidade comunitária, onde trabalho, cultura e identidade se entrelaçam. No entanto, esse espaço não é homogêneo: ao longo dos versos, a alegria inicial expressa pelo canto e pelo riso das mulheres transforma-se em silêncio e melancolia no desfecho do poema. Essa transição abrupta reflete as contradições do período pós-colonial, onde as expectativas de transformação nacional coexistem com marcas de sofrimento e exclusão.

Bhabha (1994) introduz o conceito de hibridismo cultural, que descreve a formação das identidades pós-coloniais como um espaço de interseção entre diferentes referências culturais. Segundo Bhabha, o sujeito pós-colonial não é fixo nem homogêneo, mas está constantemente negociando significados em um ambiente de ambivalência. No poema de Alda Espírito Santo, essa noção se manifesta na maneira como a comunidade feminina se apropria do espaço do rio para ressignificar sua experiência: “Batem e cantam modinhas da terra / Cantam e riem em riso de mofa.” (Espírito Santo, 1978, p. 35).

O canto e o riso, nesses versos, operam como estratégias de subversão e resistência. As “modinhas da terra” indicam um apego às tradições culturais locais, funcionando como uma forma de reapropriação do ambiente colonizado. No entanto, o “riso de mofa” sugere uma ironia subjacente, um tom de escárnio que evidencia a consciência da dureza da realidade.

Essa dualidade dialoga com a ideia de “mimicry” (mimetismo) proposta por Bhabha, na qual sujeitos colonizados adotam certas práticas impostas pelo colonizador, mas as ressignificam de maneira que desafia o sistema dominante. O trabalho das mulheres, associado a um histórico de exploração, não as reduz a vítimas, mas sim as insere em um espaço de convivência e resistência. Ainda assim, essa resistência é limitada, como evidenciado pela transição para o silêncio no final do poema.

Kilomba (2019) discute o silêncio como um mecanismo tanto de opressão quanto de resistência dentro das narrativas pós-coloniais. Para Kilomba, a voz das populações negras foi historicamente silenciada, seja pela negação da oralidade nos regimes escravocratas, seja pela marginalização de suas histórias no discurso oficial. Esse conceito é essencial para interpretar os últimos versos do poema: “E os gemidos cantados das



negritas lá do rio / ficam mudos lá na hora do regresso.../ Jazem quedos no regresso para a roça.” (Espírito Santo, 1978, p. 35).

O que antes era um espaço de comunhão e partilha – o ato de lavar roupas no rio, acompanhado de música e riso – se converte em silêncio e imobilidade. O desaparecimento da voz coletiva representa um momento de corte, um retorno forçado à dureza da vida na roça. Esse ciclo de expressão e apagamento reflete um trauma histórico maior: a invisibilização das mulheres negras na sociedade tanto no período colonial quanto no pós-colonial.

A transição da sonoridade para o silêncio pode ser interpretada à luz das reflexões sobre a memória da escravidão e do colonialismo. Para Kilomba, o silenciamento das vozes negras na história reflete um apagamento sistêmico. No poema, o silêncio final das lavadeiras sugere um retorno à dureza da realidade, em que o trabalho exaustivo e a estrutura social opressora permanecem inalterados.

Gilroy (2012) propõe que a experiência da diáspora africana é marcada por uma identidade fluida e transnacional, construída a partir de deslocamentos forçados, mas também de formas de resistência cultural. A música, o canto e o riso aparecem como elementos fundamentais para a coesão comunitária, sendo utilizados como formas de conexão emocional e compartilhamento de histórias. O autor propõe o conceito de “Atlântico Negro” para descrever as conexões entre diferentes comunidades da diáspora africana, marcadas por deslocamentos forçados, mas também por formas de resistência e solidariedade. O poema dialoga com essa ideia ao mostrar como a identidade coletiva se constrói na intersecção entre tradição e experiência histórica.

No poema, esse aspecto está presente na cena em que as mulheres cantam juntas enquanto trabalham, reafirmando uma identidade coletiva que resiste à dureza do cotidiano: “Cantam e riem em riso de mofa / histórias contadas, arrastadas pelo vento.” (Espírito Santo, 1978, p. 35).

O vento, nesse caso, pode ser interpretado como um símbolo da diáspora, carregando histórias de um passado de opressão, mas também de continuidade cultural. Esse movimento remete ao conceito de “comunidade afetiva” proposto por Gilroy, no qual as populações negras constroem laços e significados compartilhados mesmo diante da fragmentação histórica.

Entretanto, o silêncio no final do poema quebra essa comunhão, reforçando a ideia de que a experiência pós-colonial não se desdobra linearmente para um futuro libertador. Em vez disso, a trajetória das mulheres do poema revela um movimento cíclico, onde momentos de esperança são seguidos por um retorno às condições de exploração e apagamento.

Por fim, Paredes (2015) destaca, ao estudar mulheres em contextos de libertação africana, como a luta feminina no pós-independência foi marcada pela tensão entre esperança e frustração. No poema de Alda, essa ambivalência aparece na justaposição entre o riso inicial e o silêncio final, representando a complexidade da experiência feminina na construção do pós-colonialismo.

A independência das nações africanas foi frequentemente acompanhada por discursos que exaltavam a participação feminina na luta pela libertação. No entanto, como analisa Paredes (2015), muitas dessas mulheres foram excluídas dos processos decisórios após a independência, permanecendo confinadas a papéis secundários na nova estrutura nacional.

O poema de Alda Espírito Santo captura essa tensão ao mostrar as mulheres em um espaço de trabalho comunitário, mas que não se traduz em uma real emancipação. Elas constroem laços sociais e culturais, mas continuam submetidas à dureza de uma rotina marcada pela repetição e pelo esforço físico. Essa dualidade entre participação e subalternização reflete o que Paredes (2015) descreve como a ambiguidade do papel feminino na reconstrução das nações africanas.

A transição do riso para o silêncio pode ser interpretada, assim, como um reflexo da desilusão com as promessas do pós-independência. Embora as mulheres tenham desempenhado papéis essenciais na resistência ao colonialismo, sua posição na sociedade permaneceu marcada pela marginalização. No poema, essa realidade é expressa no contraste entre os versos iniciais vibrantes e a melancolia do desfecho.

A análise de “Lá no Água Grande” revela, sob a perspectiva da melancolia pós-colonial, que a dualidade entre riso e silêncio expressa mais do que um simples contraste emocional – ela encapsula as tensões entre esperança e frustração na experiência pós-independência. O riso inicial representa um momento de resistência comunitária, no qual as mulheres encontram na coletividade e na oralidade uma forma de afirmação identitária. Já o silêncio final denuncia as limitações desse processo, expondo o peso das estruturas históricas que ainda restringem sua plena emancipação.

Em síntese, ao dialogar com os conceitos de hibridismo e ambivalência, silêncio e resistência, comunidade afetiva na diáspora e a posição feminina na reconstrução nacional, percebe-se que a obra de Alda Espírito Santo não apenas retrata um momento específico da vida cotidiana, mas também condensa as complexidades do projeto pós-colonial. Dessa forma, o poema se insere em um discurso mais amplo de denúncia e memória, reafirmando a literatura africana como um espaço de resistência e questionamento das estruturas hegemônicas.

Últimas considerações

Longe de tentar esgotar discussões e reflexões, este estudo buscou inter-relacionar as dinâmicas presentes no poema “Lá no Água Grande”, de Alda Espírito Santo, às tensões históricas e sociais da experiência feminina africana no período pós-colonial. A análise permitiu compreender como o poema ressignifica o cotidiano das mulheres negras em São Tomé e Príncipe, transformando sua experiência em um testemunho literário de resistência e pertencimento.



A observação sobre a presença marcante da natureza como agente ativo, com base na ecocrítica, revelou que o rio Água Grande não é apenas um cenário, mas uma testemunha da história das mulheres, refletindo tanto os ciclos da vida quanto a persistência das estruturas de opressão. O movimento da água, o sopro do vento e a dureza da pedra são elementos que se entrelaçam às ações humanas, reforçando a interdependência entre ambiente e sociedade.

Sobre a relação de trabalho presente no poema, verificou-se que o trabalho não se restringe à subsistência, mas assume um caráter ritualístico e comunitário. Em outros aspectos, a análise apontou como o ato de lavar roupas no rio representa a invisibilidade histórica do trabalho feminino, ao mesmo tempo em que fortalece laços de pertencimento. O uso da repetição no poema enfatiza a exaustão dessa tarefa, mas também sugere uma conexão entre tradição, identidade e resistência coletiva.

Por fim, ao explorar a dupla dimensão do riso e do silêncio, constatou-se que a alegria inicial das lavadeiras não é ingênua, mas carregada de ironia e consciência histórica. O contraste entre os momentos de sociabilidade e o silêncio melancólico do desfecho reflete as contradições do período pós-independência. O silêncio final das mulheres não é apenas um fim abrupto, mas um eco da exclusão sistêmica das mulheres negras nos processos de transformação nacional, sinalizando uma desilusão com as promessas de emancipação.

Dessa forma, os resultados da análise evidenciam que “Lá no Água Grande” vai além da representação de um cotidiano feminino, assumindo um papel fundamental na construção da memória e da identidade coletiva. O poema transforma a cena ordinária da lavagem de roupas em uma alegoria das dinâmicas pós-coloniais, utilizando a oralidade, a sonoridade e o próprio espaço físico para articular questões de trabalho, gênero e pertencimento.

Em suma, a obra de Alda Espírito Santo se reafirma como um testemunho literário da resistência feminina africana, contribuindo para os estudos literários e para a visibilidade da autoria feminina no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa e de São Tomé e Príncipe. A obra, portanto, se insere em um contexto literário de luta pela visibilidade da autoria feminina africana e pelo reconhecimento de epistemologias do Sul, desafiando narrativas eurocêntricas e reivindicando o espaço da mulher negra na literatura e na história.



Referências

BHABHA, Homi K. **The Location of Culture**. 2. ed. London; New York: Routledge, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203820551>. Acesso em: 16 abr. 2026.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano? e outras intervenções**. Maputo: Ndjira, 2011.

ESPÍRITO SANTO, Alda. Lá no Água Grande. *In*: ESPÍRITO SANTO, Alda. **É nosso o solo sagrado da terra**: poesia de protesto e luta. Lisboa: Ulmeiro, 1978.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurêncio de Melo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2004.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2012.

GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (org.). **The Ecocriticism Reader**: Landmarks in Literary Ecology. Athens: University of Georgia Press, 1996.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: <http://bds.unb.br/handle/123456789/1141>. Acesso em: 16 abr. 2026.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MATA, Inocência. Lusofonia e história: aferições de pertença luso-afônicas. **Revista de Estudos Literários**, v. 5, n. 1, p. 15-34, 2015. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-847X_5_3

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2014.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.

NIXON, Rob. **Slow violence and the environmentalism of the poor**. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PAREDES, Margarida. **Guerrilheiras e sociedade colonial**: Protagonismo feminino na luta pela libertação de Angola. Lisboa: Edições 70, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

